

PENSANDO AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO MERCADO DE TRABALHO JUNTO A ESTUDANTES DO 7º ANO DA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO A PARTIR DA REPRESENTATIVIDADE DE CIENTISTAS NEGROS E NEGRAS

PENSANDO EN LAS RELACIONES ÉTNICO-RACIALES EN EL MERCADO LABORAL CON ESTUDIANTES DE 7º GRADO DE LA RED MUNICIPAL DE RIO DE JANEIRO DESDE LA REPRESENTACIÓN DE CIENTÍFICOS NEGROS Y NEGRAS

Fabiana Benvenuto

Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro – SME/RJ

fbenvenutof@gmail.com

Resumo: Apresentar a carreira científica como algo viável para estudantes que pertencem a parcela pobre da sociedade deve ser feita de forma responsável e colaborativa para pavimentação de um cenário real dessa conquista. A proposta pedagógica relatada aqui teve como objetivo trabalhar o pertencimento racial dos estudantes e debater a desigualdade étnico-racial e de gênero em diferentes áreas profissionais. O trabalho consistiu em uma etapa de sensibilização e uma pesquisa de campo que fomentou a reflexão sobre a correlação entre carreiras profissionais que exigem elevado nível de escolaridade e a proporção de gênero e raça entre as pessoas que as ocupam.

Palavras-chave: educação em ciências; relações étnico-raciais; mercado de trabalho.

Eixo temático: 7. Inclusão e interseccionalidade no ensino de Ciências e Biologia.

Modalidade: Relato de experiência pedagógica.

Resumen: Presentar una carrera científica como algo viable para los estudiantes que pertenecen a la parte pobre de la sociedad debe hacerse de manera responsable y colaborativa para allanar un escenario real para este logro. La propuesta pedagógica aquí reportada tuvo como objetivo trabajar la pertenencia racial de los estudiantes y debatir la desigualdad étnico-racial y de género en diferentes áreas profesionales. El trabajo consistió en una etapa de sensibilización y una investigación de campo que propició la reflexión sobre la correlación entre carreras profesionales que requieren un alto nivel de educación y la proporción de género y raza entre las personas que las ocupan.

Palabras clave: educación científica; relaciones étnico-raciales; mercado de trabajo.

Eje temático: 7. Inclusión e interseccionalidad en la enseñanza de las Ciencias y la Biología.

Modalidad: Relato de experiencia pedagógica.

Contextualização do cenário...

Desde 2011 sou professora de Ciências Naturais da Escola Municipal Eurico Salles da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ).

A escola localiza-se no bairro Engenho da Rainha, zona norte, ocupando a 62ª posição na listagem de IDH dos bairros da cidade do Rio de Janeiro¹. Apesar de posição mediana, de um total de 126 bairros, e apresentar 0,835 de índice, sendo por isso classificado como elevado, o mesmo trata-se de um bairro bastante pauperizado e com duas comunidades em seu território – Favela da Galinha e Morro do Engenho. A estrutura de saneamento básico não abrange o bairro em 100%, possui inúmeras construções irregulares, em especial nas margens de rios afluentes do rio Faria-Timbó, e rede de saúde insuficiente para um atendimento de boa qualidade a população do bairro.

Em 2016 foi realizado, na escola mencionada, o projeto intitulado “África de todos os dias em todos os nós”, que contou com um mês e meio de atividades diferenciadas e a culminância foi esplêndida. Ainda que tenha sido uma experiência pedagógica digna de publicação o relato pedagógico que descrevo aqui não se deu nesse momento, mas nele germinou sua semente.

Como professora de ciências, com formação pessoal totalmente voltada à escola pública e pesquisadora acadêmica e orgânica do público que habita e colora a escola pública de massa (Formosinho, 2009), construí e participei do projeto, acima citado, em diferentes frentes e desenvolvi, junto a minha turma, um trabalho específico que debatia onde estava a “África de todos nós” na ciência. Para tanto, os estudantes foram convidados por mim a responder a pergunta: “Que cara tem as profissões?”.

O tempo/espço singular do ambiente escolar aliado as adversidades e falta de estruturas, comuns nas redes públicas de ensino, para a implementação de projetos que signifiquem para os diferentes sujeitos que a constituem, por vezes, contribui para que boas vivências pedagógicas não consigam ser registradas por seus professores/autores e ultrapassem os muros da escola.

Em 2023 o evento intitulado “Sarau Literário da Escola Municipal Eurico Salles”, que deu ênfase a realização de trabalhos que dialogassem com as leis Nº 10.639/03 e Nº 11.645/08, em virtude da completude de 20 anos da primeira, possibilitou que a proposta pedagógica realizada em 2016 fosse reeditada por mim. A redação deste trabalho teve a

¹ https://www.wikirio.com.br/IDH_dos_bairros_da_cidade_do_Rio_de_Janeiro, consultado em: 03 de março de 2024, 12:12.

intenção de compartilhar a experiência que a reedição da proposta pedagógica “Que cara tem as profissões?” provocou nos estudantes participantes e como que, a partir dos dados coletados pelos mesmos, foi trabalhado a desigualdade racial no mercado de trabalho em especial na área das ciências naturais.

Introdução:

A constatação de que é na escola que parte da desigualdade racial é produzida, de modo que esta não trata-se, em sua totalidade, de um reflexo do que é produzido na sociedade fora do muro das escolas é apontado pela literatura (Henriques *et. al*, 2023). A interrupção desse modelo de produção de desigualdades depende não apenas da efetiva implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08, mas da construção de políticas públicas específicas que ofereça assistência estudantil desigual aos desigualmente assistidos socialmente no decorrer da educação básica. Tais políticas específicas, se ofertadas durante este período, único na vida dos sujeitos mais vulneráveis socialmente, contribuiria para celeridade da superação das desigualdades de acesso ao trabalho e melhores condições de vida da parcela mais vulnerável da população, logo a população pobre e na sua maioria negra. Após o período da educação básica apenas na área da saúde esse segmento social terá acesso a políticas universais (Henriques *et. al*, 2023).

Nesse sentido, é relevante pensar propostas pedagógicas que tragam para a cena principal o debate sobre como o acesso aos bens básicos de vida se dá de forma racializada na sociedade brasileira. Tal segregação racial pode ser observada se analisada a composição étnico-racial de diversos setores do mercado de trabalho, de modo que as profissões de maior risco de acidentes são majoritariamente ocupadas por jovens negros em contrapartida com as de maiores rendas e menor risco de acidente que são ocupadas por brancos (Araujo e Melo Filho, 2024). Igualmente relevante são propostas que estimulem os estudantes a observarem, de forma atenta, vivências pessoais no interior do espaço escolar e suas possíveis semelhanças fora dele.

Cabe salientar que ao nos referirmos ao termo raça não utilizamos o conceito biológico deste, posto que se apresenta como superado pela ciência (Verrangia e Gonçalves e Silva, 2010). Aqui utilizamos o conceito sociológico do termo nos referindo à construção social que envolve características físicas e culturais (Guimarães, 2003).

Consciente desse cenário de segregação racial no mercado de trabalho o debate sobre a desigualdade racial foi introduzido na turma a partir do trabalho intitulado “Que cara tem as profissões?”. A ideia norteadora da prática foi debater com os estudantes as desigualdades étnico-racial e de gênero presente em diferentes áreas profissionais. Algumas delas comuns a realidade dos estudantes, tais como caixa de supermercado e segurança de shopping e outras, como a de cientista, mais distante da realidade cotidiana da maioria.

Enquanto educadora da maior rede de ensino público da América Latina – Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro/ SME-RJ (Palermo *et. al*, 2014) - considero que uma das tarefas que me compete, como professora da disciplina escolar ciências da natureza, é servir de meio de apresentação, e posterior incentivo do interesse por parte dos estudantes, da carreira científica.

Apresentar a carreira científica como algo viável para estudantes oriundos de famílias que, na sua maioria, ocupam a base da pirâmide sócio-econômica da sociedade deve ser feita de forma responsável e colaborativa no que tange a pavimentação de um cenário real dessa conquista e afirmando um compromisso que a construção de uma vocação científica (Henriques *et. al*, 2023) contemplará a pluralidade étnica que compõe essa rede de ensino.

Não raro o interesse pela ciência é fomentado na disciplina escolar ciências fazendo uso das tradições curriculares do ensino de ciências e biologia, tais como a experimentação científica, uso de coleções didáticas e atividades de campo se aproximando, dessa maneira, de sua ciência de referência (Marandino *et. al*, 2009). Entretanto, as observações e análises que venho travando nos últimos dez anos sobre o ensinar ciências para o público majoritário da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro (SME-RJ, 2023) me induz a pensar que uma educação em ciências que se pretenda estimuladora de uma vocação científica não pode ser dada de forma dissociada de um letramento racial (Almeida *et. al*, 2023).

Em função de tais percepções e reflexões, e com base na literatura específica da área, a presente proposta pedagógica teve como objetivo trabalhar o pertencimento racial dos estudantes e debater a desigualdade étnico-racial e de gênero no mercado de trabalho com ênfase na profissão de cientista.

O trabalho:

Na primeira etapa do trabalho foi realizada junto aos estudantes uma oficina sobre pertencimento racial. A oficina teve como objetivo resgatar a origem da miscigenação do Brasil com o intuito de provocar os estudantes a olharem para suas características fenotípicas a partir de uma identificação com seus antepassados e auxiliar os estudantes a compreenderem a diversidade étnico-racial no Brasil e a concepção de quem é lido como negro e negra na sociedade brasileira. A oficina foi estruturada em 11 momentos com duração total de 1 hora e 30 minutos. A mesma contou com partes expositivas intercaladas com dinâmicas de colagem, registro escrito pelos estudantes e vídeos² como recursos didáticos para a condução da mesma.

Na segunda etapa, os estudantes foram divididos em grupos e cada qual ficou responsável por uma categoria profissional determinada por mim, sendo elas: 1-Funcionários da Comlurb³ do bairro da escola. 2- Seguranças do Norte Shopping. 3- Operadores de Caixa do Supermercado Guanabara do Engenho da Rainha. 4- Professores da E. M. Eurico Salles. 5- Funcionários da E. M. Eurico Salles. 6- Cientistas da Natureza. Cada grupo teve como tarefa ir a campo, fora do horário escolar, observar e registrar a proporção étnico-racial e de gênero do determinado segmento profissional a qual foram destinados. Com relação ao critério étnico-racial foi solicitado o registro de brancos, negros e indígenas a partir de uma heteroidentificação. E quanto ao critério gênero a pesquisa restringiu-se em homem cis e mulher cis. Posteriormente, em sala de aula, esses dados foram apresentados pelos grupos, debatidos e organizados em gráficos para futura exposição no sarau da escola.

A pesquisa da categoria profissional cientista foi feita a partir das imagens de cientistas representados em livros didáticos. Tal opção se deu em função da inviabilidade dos estudantes irem até instituições de pesquisa e universidades sozinhos para que a pesquisa se desse em campo. Foi utilizado na pesquisa duas coleções de livros didáticos de ciências de ensino fundamental anos finais, uma de livro didático de biologia e uma de ciências da natureza do ensino médio, sendo elas: Coleção Araribá Mais, editora Moderna,

² <https://www.youtube.com/watch?v=X8FWkOXr-zo>; <https://www.youtube.com/watch?v=vGG-4QniHLA>; <https://www.youtube.com/watch?v=1RFvuA0cu60>

³ Companhia Municipal de Limpeza Urbana – Sociedade anônima de economia mista, tem a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro como acionista majoritária.

utilizando exemplares do 7º ao 9º ano e Coleção Tempo Ciências, Editora do Brasil utilizando exemplares do 6º ao 9º ano. Ambas as coleções referem-se ao PNLD⁴ do período 2020-2023, portanto adequadas as mudanças conferidas pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018); Coleção Biologia Moderna, editora Moderna, referente ao PNLD de 2018-2020 e Coleção Matéria, Energia e Vida- uma abordagem interdisciplinar, editora Scipione, referente ao PNLD de 2021, portando de acordo com as formulações do novo ensino médio (Brasil, 2017).

É importante destacar que o intuito da pesquisa realizada pelos estudantes se concentrou em registrar a diversidade étnico-racial e de gênero das imagens de cientistas apresentadas no corpo das referidas coleções. Assim, não raro, apesar de pouca ou nenhuma diversidade étnico-racial e de gênero entre os cientistas representados, tal diversidade aparecia em outros contextos nos livros didáticos.

Resultados coletados, análises e vivências experimentadas pelos estudantes no processo da pesquisa:

Os estudantes tiveram o prazo de uma semana para realizarem suas respectivas pesquisas de campo. O grupo responsável pela pesquisa da carreira profissional de cientista realizou a pesquisa em sala utilizando quatro tempos de aula para tanto e teve seu levantamento de dados confirmados posteriormente por mim.

Ao todo a pesquisa da turma envolveu a observação de 204 pessoas que exercem suas funções profissionais no bairro Engenho da Rainha e proximidades, no caso da pesquisa de segurança de shopping que se deu no bairro de Del Castilho. Acrescida da análise das imagens de cientistas da natureza presentes nos livros didáticos, totalizando 164 ilustrações.

É importante salientar que, com exceção do grupo dos cientistas, é possível que haja alguma divergência entre a observação realizada pelos estudantes e a realidade. No entanto, tal fato não se caracteriza como relevante, uma vez que tal precisão não foi colocada como objetivo do trabalho. A relevância do trabalho entre os estudantes foi apreender e/ou deslocar a percepção racial dos mesmos e posterior comparação por parte

⁴ Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) foi instituído em 2017 com a finalidade de financiar e distribuir material didático para todas as escolas públicas do país (Brasil, 2017).

dos grupos quanto a proporção diferenciada entre negros e brancos dentre as categorias profissionais pesquisadas e a quase inexistência de indígenas nas mesmas.

O grupo responsável pela Comlurb identificou 118 profissionais diferentes circulando no bairro. Desses, 43 eram homens, sendo 25 negros, 14 brancos e nenhum indígena. E 75 eram mulheres, sendo 41 negras, 29 brancas e 5 indígenas.

Com relação a categoria segurança de shopping foi observado 35 e desses, 30 homens e 5 mulheres. Dentre os homens 27 eram negros, 3 eram brancos e nenhum indígena. E entre as mulheres duas eram negras, 3 brancas e nenhuma indígena.

A pesquisa sobre caixas do supermercado Guanabara trouxe o seguinte levantamento: do total de 16 funcionários que trabalhavam no momento da pesquisa do grupo apenas 1 era homem, identificado pelos estudantes como branco, e 15 eram mulheres. Dentre as mulheres 7 eram negras, 8 eram brancas e nenhuma indígena. Este grupo de trabalho era formado apenas por meninos entre 12 e 13 anos e de maioria negros. Durante a pesquisa de campo o grupo experienciou vivências que muito contribuíram para o debate sobre discriminação racial e racismo junto a turma, pois foram impedidos pelo segurança de entrarem juntos no supermercado. O episódio, após ser relatado apenas para mim, foi levado para a turma e debatido de forma coletiva. A partir do relato foi possível debater sobre o quanto o fato de serem meninos negros de bairro periférico foi um determinante para que o segurança do estabelecimento tivesse essa atitude com eles. Este foi um momento riquíssimo do trabalho que possibilitou, de forma muito madura, que os estudantes constatassem que naquela situação havia ocorrido racismo. Tal constatação feita pela turma abriu espaço para uma explanação sobre a última atualização da lei que criminaliza o racismo (Brasil, 2023) e a diferenciação do mesmo para injúria, sendo estes dois conceitos comumente confundidos.

Com relação à pesquisa dos trabalhadores da nossa escola optei em dividir em dois grupos. Em um, a pesquisa se concentrou apenas na observação dos professores incluindo a equipe gestora. E num segundo, os funcionários da escola que incluía agentes educadores, secretários, merendeiras e funcionários da limpeza.

Assim, os estudantes contabilizaram 19 professores e desses 8 homens e 11 mulheres. Dentre os professores 1 era negro, 7 brancos e nenhum indígena. Entre as professoras identificaram como sendo 4 negras, 7 brancas e nenhuma indígena.

O grupo que pesquisou os funcionários da escola contabilizou 6 homens e 10 mulheres. Dos funcionários homens identificaram 3 negros, 3 brancos e nenhum indígena. E das mulheres 8 negras, 1 branca e 1 indígena.

Por último, o grupo que pesquisou cientistas da natureza, a partir de ilustrações trazidas por livros didáticos, identificou um total de 164 ilustrações dos mesmos. Dessas, 137 representavam cientistas homens e 27 mulheres. Dentre os cientistas homens foram identificados 134 brancos, 3 negros e nenhum indígena. E dentre as mulheres 4 negras, 23 brancas e nenhuma indígena.

Não é pretensão desse trabalho fazer uma análise sobre a gritante desigualdade étnico-racial e de gênero entre os cientistas representados em livros de Ciências e/ou Biologia, posto que a mesma pode ser encontrada em trabalhos anteriores da área (Silvério e Verrangia, 2021). Entretanto, considerando o papel que tais ilustrações podem exercer na construção imagética da figura do cientista junto aos estudantes, destaco o quão assustador e dispendioso é quando se trata de construir uma educação em ciências não eurocentrada e antirracista.

O momento da análise dos resultados e construção dos gráficos, para futura apresentação por parte dos grupos, foi onde surgiram questionamentos sobre a diferença quantitativa com relação ao gênero e etnia entre as profissões. No entanto, foi possível observar que o debate entre os estudantes se deu mais no que tangia a classificação étnico-racial de cada profissional contabilizado (já que se tratou de uma classificação pautada numa heteroidentificação) do que na exigência de escolarização formal de cada profissão.

O tempo destinado à realização do trabalho foi insuficiente para que os estudantes correlacionassem as diferenças de gênero e étnico-racial entre as profissões com o nível de escolaridade formal exigida por cada uma delas e elaborassem suas próprias conclusões sobre esse ponto.

Em função da delicadeza do tema abordado pelo trabalho e em respeito ao tempo de maturação dos estudantes sobre o mesmo foi feita a opção pedagógica de que tal

conclusão não fosse feita por mim e depositada neles. Tal decisão se deu por compreender que uma conclusão externa aos estudantes, no lugar de incentivá-los ao estudo, pudesse desestimulá-los ao mesmo, de modo que a conclusão pudesse ser recebida pelos estudantes como uma realidade pré-determinada de suas vidas profissionais futuras. Admitindo, dessa forma, que o processo de reeducação das relações étnico-raciais se dá ao longo de trabalhos escolares contínuos. Conclusões completas da compreensão da complexa relação racial experienciada pelos negros em nosso país e no mundo não devem ser ansiadas de trabalhos pontuais, devendo os mesmos ser compreendidos como partes de um trabalho maior que se interliguem.

Conclusão:

A literatura específica da área de educação em ciências e relações raciais nos aponta que comumente professores e professoras relatam encontrar no seu cotidiano dificuldade em abordar questões relacionadas a raça, e por sua vez ao racismo, em suas aulas (Verrangia, 2022). Assim, este relato visou expor um caminho possível, a partir de minha prática docente, de se abordar tal tema em uma turma de sétimo ano do ensino fundamental na rede municipal do Rio de Janeiro.

A partir da minha vivência e assistindo de forma atenta, tanto ao que se desenrola/produz/reproduz no chão da escola e ao que se é produzido pela literatura sobre as desigualdades raciais na educação brasileira (Paixão, 2010; IBGE, 2023), é possível observar que a qualidade da permanência no espaço escolar apresenta condições diferenciadas entre estudantes negros/as e brancos/as. Em virtude deste cenário desenvolver trabalhos pedagógicos que fomentem o debate racial, problematizando o mercado de trabalho e a proporção étnico-racial e de gênero presente entre as profissões que exigem alto nível de escolarização como a de cientista, se fazem necessários e se apresentam como relevantes.

Por meio da proposta pedagógica aqui relatada foi possível trabalhar junto aos estudantes: questões sobre origem do racismo; a forma como o racismo se apresenta em diferentes sociedades, dando ênfase a forma como este fenômeno é percebido no Brasil e suas inúmeras remodelações ao longo das décadas; identidade e pertencimento racial; distinção entre preconceito, racismo e discriminação; e desigualdade no mercado de trabalho em função do gênero e raça. O tempo para o diálogo e exposição oral da

experiência vivenciada pelos estudantes durante a pesquisa de campo foi muito valorizada compreendida como a principal etapa para que o objetivo inicial do trabalho fosse alcançado. Este momento foi rico para observar a percepção racial trazida pelos estudantes e como tais percepções foram se transformando ao longo da proposta pedagógica, desde a etapa da oficina de sensibilização para o tema até a finalização do trabalho.

Este trabalho não teve como foco garantir a construção de uma identificação/pertencimento étnico-racial de forma conclusiva por parte dos estudantes. A intencionalidade aqui foi pensar junto aos estudantes, a partir das “relações sociais vividas, construídas e reconstruídas cotidianamente” (Verrangia, 2022, p. 245) por eles, como que a cor da pele que se nasce pode configurar um fator determinante na posição em que ocupará no futuro no mercado de trabalho. É válido enfatizar que tal debate junto a estudantes tão jovens, como do sétimo ano do ensino fundamental, requer um grau considerável de sensibilidade e domínio sobre o tema abordado, não devendo haver pressa para culminâncias conclusivas dos temas. Considero que o não preparo para abordar tal tema impele o risco de, no lugar da pavimentação de um caminho de estímulo a vocação científica, ser apresentado um universo de impossibilidades para esses jovens. Para tanto, se colocar como um profissional em constante formação e atento as publicações no que se refere aos índices de desigualdades educacionais entre negros e brancos no Brasil se faz necessário, haja visto que as formações continuadas oferecidas pelas secretarias de ensino são comumente insuficientes para garantir segurança para abordagem de determinados temas em sala de aula por parte dos professores.

Uma vez considerado o quantitativo de estudantes negros que ocupam os bancos da escola pública brasileira a compreensão de apresentar uma educação em ciências de forma racializada se faz importante.

Nesse sentido, propor uma educação em ciências pautada no letramento racial (Almeida *et al*, 2023) é apresentar uma ciência deslocada do eurocentrismo dominante nessa área do conhecimento. Dessa maneira, apesar da disciplina escolar ciências ter a sua ciência de referência como legitimadora histórica do racismo no mundo, é possível através de uma apresentação crítica da mesma resgatar conhecimentos de origens outras. Conhecimentos esses que foram extirpados da história do conhecimento produzido pelos

humanos em função do epistemicídio sofrido pelos povos originários das Américas e do continente africano a partir da dominação europeia sobre esses continentes (Santos, 2002 *apud* Gomes, 2018).

Aproximar culturas e saberes que ampliem a capilaridade do compreender ciência potencializa a pavimentação de um querer se fazer cientista por parte dos estudantes. É a partir de tais aproximações que é possível a reconstrução do imaginário sobre ser cientista e, em alguma medida, fazer com que os jovens oriundos das escolas públicas projetem um futuro considerando a carreira científica como uma de suas possibilidades de trabalho. Para tanto é importante a apresentação junto aos estudantes de uma ciência pautada numa episteme para além da europeia. A ciência apresentada dessa forma pode adensar o pertencimento racial dos estudantes que, frente ao contato com inúmeras contribuições feitas às ciências naturais pela população negra (Pinheiro, 2021), se identifiquem com tais carreiras profissionais. Com a adoção de tais práticas é possível almejar deslocar o olhar, muitas vezes viciado de muitos jovens, em função da imagem que hegemonicamente lhe é apresentada de cientistas, contrapondo o que ainda hoje é apresentado nos livros didáticos. Dessa maneira, jovens periféricos, na sua maioria negros, podem considerar a carreira científica como algo desejoso e possível de ser trilhada por eles (Henriques *et. al*, 2023).

Tal compreensão e leitura contribui para que a educação básica se coloque como peça relevante de toda uma grande engrenagem estrutural que tem que ser mexida para que a desigualdade étnico-racial na ciência diminua, bem como em outros postos de trabalho que exijam elevado nível de escolarização.

Em suma, a proposta pedagógica atingiu seu objetivo de oportunizar um espaço/tempo aos estudantes para expressarem seus sentimentos e percepções sobre o que seja ser negro e negra no Brasil. Além de fomentar o início de uma reflexão sobre a correlação entre carreiras profissionais que exigem elevado nível de escolaridade e a proporção de gênero e raça entre as pessoas que as ocupam.

Bibliografia:

ALMEIDA, A. R.; EUGÊNIO, B.; GARCIA, F. M. Concepções de Letramento Racial nas Dissertações e Teses: revisão sistemática entre 2017-2022. **Sertanias: Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 4, n. 1, p. 1-16, 2023.

ARAÚJO, Y. L. S.; MELO FILHO, H. C. Uma discussão urgente: as possibilidades da juventude negra no mundo do trabalho brasileiro sob a perspectiva da interseccionalidade e da teoria jurídico-trabalhista crítica. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, v. 10, n. 1, p. 347-371, 2024.

BRASIL. Lei Nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes para inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acessado em: 25 mai. 2013.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Estabelece as diretrizes para inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acessado em: 12 abri. 2024.

BRASIL. Lei Nº 14.532, de 11 de janeiro de 2023. Tipifica como crime de racismo a injúria racial. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14532.htm. Acesso em 08 abri. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a base. Brasília. 2018ª. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 08 abri. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. PNLD. Brasília. 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9099.htm. Acesso em: 08 abri. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Novo Ensino Médio. Brasília. 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: 08 abri. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. liv102002_informativo**. Brasil: IBGE, 2023. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102002_informativo.pdf. Acesso em: 15 mar. 2024.

FORMOSINHO, J. Ser professor na escola de massa In: FORMOSINHO, J. (Org.) Formação de professores. **Aprendizagem profissional e ação docente**. Porto: Porto Editora Ltda, 2009.

GOMES, N. L. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GUIMARÃES, A. S. A. Como trabalhar com raça em sociologia. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 93-107, jan/jun, 2003.

HENRIQUES, R.; SILVA, T. A. L.; CAMILO, F. N. Construindo pontes entre juventude negra e ciência para a promoção da equidade racial na educação. **Revista da ABPN**, v. 15, n. edição especial, p. 245-262, 2023.

MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. **Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos**. São Paulo: Cortez, 2009.

PAIXÃO, M.; et al. (orgs.) (2010). **Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil; 2009-2010**. Rio de Janeiro: Garamond. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/desigualdades_raciais_2009-2010.pdf. Acessado em: 10 out. 2015.

PALERMO, G. A.; SILVA, D. B. N.; NOVELLINO, M. S. F. Fatores associados ao desempenho escolar: uma análise da proficiência em matemática dos alunos do 5º ano do ensino fundamental da rede municipal do Rio de Janeiro. **Rev. Bras. Est. Pop.**, v. 31, n. 2, p. 367-394, jul./dez, 2014.

PINHEIRO, B. C. S. **História Preta das Coisas**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2021.

RIO DE JANEIRO. **Guia: Educação Para As Relações Étnico-Raciais**. Prefeitura do Rio, 2023.

SILVÉRIO, F. F; VERRANGIA, D. O cientista é um homem branco ocidental: Uma análise de livros didáticos de Biologia. **Abatira – Rev. De Ciências Humanas e Linguagens**, v. 2, n. 3, p. 332-360, jul., 2021.

VERRANGIA, D.; GONÇALVES E SILVA, P. B. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências. **Educação e Pesquisa**, v. 36, n. 3, p. 705-718, set./dez., 2010.

VERRANGIA, D. A Educação das Relações Étnico-Raciais: Uma Proposta Teórico- Metodológica Para a Desconstrução de Estereótipos na Educação em Ciências Biologia. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 15, n. especial 2, p. 492-512, 2022.